

NOVAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA SERRA DA ABOBOREIRA*

por

Carla Stockler** e José Manuel Varela**

Resumo: Apresentação dos resultados das escavações das mamoas de Cabras e de Perredendo, situadas na Serra da Aboboreira (Amarante) e intervencionadas pelos autores nos últimos anos (1991, 1992 e 1993). A primeira é uma mamoa baixa, quase imperceptível na paisagem, que pode não ter contido, sequer, uma câmara megalítica (apenas um grande monólito ocorreu na sua área central). A segunda é um *tumulus* de dimensões médias, apresentando uma câmara megalítica relativamente pequena; situa-se no extremo norte da necrópole da Aboboreira, onde o GEAP realizou no presente ano de 1993 a 16ª campanha consecutiva do Campo Arqueológico ali iniciado em 1978.

Palavras-chave: Megalitismo. Serra da Aboboreira. Amarante.

I. MAMOA DE PERREDENDO (AMARANTE)

1. Introdução

A Mamoa de Perredendo, também denominada por Chã de Lameira¹, localiza-se na vertente NE da Serra da Aboboreira, numa pequena chã sobranceira ao rio Fornelo, a 780 m de altitude. Trata-se de um monumento megalítico isolado sendo o que se situa mais a norte de todo o conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (Fig. 1).

Administrativamente pertence ao distrito do Porto, concelho de Amarante e freguesia de Carvalho de Rei, e tem as seguintes coordenadas geográficas²:

* Nada mais justo do que sublinhar, desde já, o quanto estas novas escavações devem ao Professor Doutor Vítor Oliveira Jorge. A ele os autores devem muito da sua formação científica e sem ele não teria sido possível que estes mesmos autores concretizassem, hoje em dia, a sua própria investigação em arqueologia.

** G.E.A.P.

¹ A denominação mais correcta é a de Chã de Lameira por se tratar do microtopónimo do seu local de implantação e por a aldeia de Perredendo ainda distar do monumento 1Km. A explicação do seu microtopónimo prende-se com o facto do monumento se situar perto de uma linha de água, o que faz com que as terras circundantes sejam bastante lamacentas, incluindo as próprias terras do *tumulus*.

² Segundo a Carta Militar de Portugal, escala de 1:25000, folha 113 - Amarante.

Latitude – 41° 13' 12" Norte

Longitude – 01° 05' 48" Este de Lisboa

Altitude – 735 m

O acesso à mamoa faz-se pelo estradão que liga Carvalho de Rei à Aldeia Nova. Passando a aldeia de Perredendo, toma-se um caminho de pé-posto à direita, que liga Aldeia Nova a Friande (Fig. 2).

Por se tratar de um monumento de reduzidas dimensões, a densa vegetação rasteira que o rodeava tornava-o imperceptível do caminho que lhe dá acesso. Para além de arbustos, rodeia a mamoa uma mata de pinheiros e de carvalhos. Por se encontrar num terreno³ de cultivo, a mamoa já tinha sido alvo de destruições nos seus lados norte e este, por se ter usado um tractor agrícola, colocando no interior da câmara megalítica as pedras que foram retiradas da couraça de revestimento (Fig. 3).

2. Metodologia

A escavação deste monumento megalítico foi realizada em duas campanhas durante os meses de Agosto de 1992 e 1993⁴, de acordo com a metodologia proposta por Vítor de Oliveira Jorge e que tem vindo a ser aplicada em todos os monumentos megalíticos do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira⁵.

Após o corte da vegetação que cobria o monumento, procedeu-se à quadriculagem do terreno, que abrangia uma área inicial de 13x12 metros, e marcaram-se quadrículas de 2 em 2 metros.

De seguida, procedeu-se ao levantamento topográfico dessa área, a partir de um ponto convencional e tendo sido para isso calculada a altimetria com base em pontos distanciados um metro entre si. Desenharam-se os elementos pétreos de superfície, onde já era visível a existência de dois esteios no interior da câmara megalítica e de um outro pousado na Sanja Oeste (Fig. 3).

³ Ao proprietário do terreno, Sr. Joaquim Moreira Alves Monteiro, e seus familiares, queremos agradecer toda a disponibilidade para a realização dos trabalhos arqueológicos.

⁴ Não podíamos deixar de referir e agradecer, a participação nestes trabalhos e a amizade, da Dr^a Margarida Moreira, que sempre conosco colaborou e nos apoiou. Queremos também agradecer a colaboração de Ricardo Fidalgo e do Dr. António Lima. Este trabalho também não seria possível sem a colaboração de vários estudantes de História, e de História - variante em Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; a um estudante, também da variante em Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; a estudantes do Curso de Técnicos Auxiliares de Arqueologia da Câmara Municipal do Porto, que aqui efectuaram um pequeno estágio; aos quais queremos agradecer, especialmente a Pedro Aguiar da Escola Secundária de Canidelo, e a João Abreu da variante em Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto. A escavação deste monumento foi também possível graças ao apoio logístico e financeiro, da Escola C+S de Baião, da Câmara Municipal de Baião e do Instituto da Juventude.

⁵ JORGE, V. O. (1978).

Posteriormente, procedeu-se à abertura de quatro sanjas, com dois metros de lado cada uma, a interceptarem-se no centro da mamoa, com vista a permitir a obtenção de dois cortes longitudinais da mesma, que foram registados em fotografia e em desenho à escala de 1:20. Assim, tornou-se possível uma leitura estratigráfica do *tumulus* e de todas as estruturas megalíticas.

O evoluir dos trabalhos tornou necessária a escavação dos quadrados D3 e F4.

3. A Escavação

3.1. As estruturas de revestimento e de fecho do monumento

A escavação do monumento nas áreas mencionadas, após a remoção do esteio que se encontrava pousado na sanja Oeste, permitiu revelar a existência de uma couraça pétreia bem conservada e imbrincada, sobretudo nas sanjas Norte e Sul. Nas sanjas Oeste e Este, esta estrutura encontrava-se mais destruída, principalmente na sua área central, devido aos constantes remeximentos que este monumento sofreu ao longo do tempo (Fig. 4).

A continuação da escavação veio revelar a existência de uma estrutura de fecho do *tumulus* bastante espessa — com cerca de 1,5 a 2 metros de largura — e com pedras de grandes dimensões que se encontravam numa posição oblíqua denunciando assim a sua intenção de fecho. As últimas pedras desta estrutura além de serem de maiores dimensões eram de um granito mais fino do que o granito das pedras de couraça e dos esteios da câmara (Est. I). Esta estrutura encontrava-se bastante destruída na sanja Norte, devido à plantação da mata de pinheiros, que rodeia hoje a mamoa. Na sanja Oeste, o fecho do monumento não foi posto totalmente a descoberto, por se situar no limite da quadrícula um carvalho ainda jovem, e por a escavação de mais uma quadrícula, nem que fosse apenas de um metro, obrigar à sua destruição. De qualquer modo, pela dimensão das últimas pedras postas a descoberto e pela sua posição oblíqua, o limite desta estrutura de fecho não se deve situar muito para além da estrutura delimitada.

Na sanja Sul foram detectados no saibro de base três buracos de poste, contendo um deles um grande fragmento de carvão. Estes buracos de poste serão anteriores à construção do monumento uma vez que o solo antigo enterrado se lhes sobrepunha (Fig. 5).

3.2. A área da câmara megalítica

A área da câmara megalítica apresentava-se também ela bastante remexida, o que já era de prever pela cratera de violação existente nesta zona do monumento antes da escavação e por um dos esteios (E1), como já referimos, se encontrar

fora do interior da câmara, pousado na topo da sanja Oeste. Era também já visível a existência de dois esteios que não estariam muito longe do seu sítio original. O esteio E2, encontrava-se numa posição quase vertical e a sua base estaria provavelmente *in situ*. O esteio E3, que se encontrava na confluência entre a sanja Este e a sanja Sul, encontrava-se tombado para o exterior, para o lado da sanja Este.

A continuação dos trabalhos nesta área veio a revelar a existência de um quarto esteio (E4), tombado para o interior da câmara, fragmentado na sua parte distal, onde eram visíveis sinais de corrosão. Este esteio encontrava-se entre o E2 e o E3. A remoção deste esteio tornou-se necessária para permitir a desobstrução da câmara e a continuação da escavação. Foram detectadas, na sua área central, uma fossa de violação que perfurou a rocha mãe, e no lado norte a fossa de assentamento do esteio E2 (Fig. 5).

A escavação do interior da câmara funerária permitiu concluir que nenhum dos seus esteios se encontrava *in situ*, embora a base do esteio E2 se encontrasse muito próxima da sua fossa de assentamento, e as bases dos esteios E3 e E4 não devessem estar muito longe do seu sítio original, apesar de não ter sido detectado nenhuma fossa de assentamento destes dois esteios e do E1. Também não foi possível detectar, devido ao estado de ruína em que esta estrutura se encontrava, o piso de utilização deste monumento.

O reforço externo desta câmara funerária era efectuado por um pequeno contraforte assente sobre os vestígios do solo antigo enterrado. Em todas as sanjas, com a excepção da sanja Este, o contraforte era bem conservado e imbrincado, e era constituído por grandes pedras (40 a 50 cm de comprimento). Tal como observamos na estrutura de fecho do monumento, também aqui as pedras externas eram de um granito mais fino do que as pedras do interior do contraforte e eram facetadas (Est. II). Na sanja Este, a parte superior do contraforte encontrava-se destruída por acção do E3 ao tombar para o exterior. Esta estrutura, parecia ser mais extensa para Este do que nas restante sanjas, o que nos levou a abrir mais uma quadrícula, apenas de 1 metro (D3) para confirmar este facto (Fig. 6).

A escavação dessa quadrícula permitiu concluir que o contraforte se alongava no sentido NE, afastando-se assim da forma oval que se previa. Tratar-se-ia de uma estrutura de reforço? Mas porquê nesta área do monumento?

Pelas cotas que esta estrutura apresenta, nesta área do monumento — superiores às da restante área desta estrutura — pela planta — demasiado alongada nessa área — e, finalmente, pelo granito utilizado nesta área ser completamente diferente do granito empregado na resto do contraforte — granito mais grosseiro — pensamos que muito provavelmente se trata de uma estrutura de condenação, e nesse caso estamos em presença de um dolmen não fechado mas aberto a NE. No entanto, infelizmente não nos foi possível definir o tipo de abertura aí uti-

lizada⁶. Esta estrutura também foi desenhada no perfil O-E, na quadrícula D4 (Fig. 8).

No entanto, e apesar de estarmos em presença de uma estrutura de contrafortagem de reduzidas dimensões facilmente compreensível dada a pequena altura dos esteios que compõem a câmara funerária, é de estranhar a presença de grandes blocos a contrafortar os esteios E2 e E4 (Fig. 6, laje com a cota -322). Nas restantes zonas do contraforte estes blocos não foram detectados, muito provavelmente, por o interior desta estrutura se encontrar destruído, principalmente na zona Oeste, devido às inúmeras violações que o monumento sofreu ao longo do tempo e já por nós aqui referidas.

Até agora, este tipo de contrafortagem, usando grandes blocos, colocados no exterior dos esteios, só foi detectado nos dolmens de maiores dimensões na Aboboreira como o de Outeiro de Ante 1⁷. Neste monumento, as dimensões dos blocos são maiores já que os esteios que contrafortam também o são. Poderíamos pensar que se optou por esta solução neste monumento por a maioria dos esteios não estarem enterrados no saibro, mas sim pousados no solo de base⁸. Poder-se-ia também considerar que esta explicação não é satisfatória, pois o único esteio que se encontrava enterrado no saibro (E2), era escorado por um bloco de grandes dimensões. No entanto, se tal facto se puder explicar por se tratar de uma laje onde, possivelmente, todos os outros esteios se apoiariam, já seria plausível a existência do reforço da estrutura de contrafortagem deste esteio.

Consideramos, de acordo com a altura dos esteios, da mamoa e do contraforte, que estamos em presença de uma câmara baixa e de pequenas dimensões atendendo à área de contrafortagem.

Apesar de estarmos em presença de uma câmara megalítica de reduzidas dimensões, e apesar de apenas ter sido detectada a fossa de assentamento de um dos seus esteios estando por isso os restantes esteios pousados no solo de base, julgamos que a câmara funerária devia ser composta por mais de cinco esteios. A planta da câmara funerária deveria ser poligonal.

3.3. A estratigrafia

A estratigrafia revelou ser a mesma em todas as áreas do monumento (Figs. 7 e 8):

⁶Esta possibilidade da existência de uma "abertura" também é colocada como hipótese em Chã de Arcas 3 por aí se verificar uma "diferença relevante no tipo de pedras utilizadas para a construção do anel de contrafortagem" (CLETO, J.1993), tratando-se provavelmente de uma estrutura de condenação.

Também em outros monumentos da Serra da Aboboreira foram detectadas possíveis "aberturas", como em Outeiro de Ante 3 (JORGE, V. O. 1980) e Meninas de Crasto 2 (JORGE, V. O. 1983).

⁷JORGE, V.O. (1981).

⁸Aqui entendido como vestígios de um solo antigo.

Camada 1a – terras húmosas superficiais, castanho-acinzentadas, com abundantes raízes;

Camada 1b – terras húmosas, castanho-escuras, com menos raízes que as anteriores;

Camada 2a – terras *in situ* do *tumulus*, constituídas por manchas de terra de várias tonalidades: castanho-claro, castanho-escuro e preto, contendo esta últimas muito carvão, e alguns elementos grosseiros.

Camada 2b – terras castanho-escuras, que contêm a estrutura de fecho da mamoa, com algumas raízes e menos compactas que as anteriores.

Camada 3 – terras negras, constituindo um sedimento muito fino, com carvão, que se dilui, à medida que nos afastamos do centro da mamoa, nas terras do *tumulus* devido às suas inúmeras manchas pretas.

Camada 4 – terras do “solo” antigo enterrado, de cor castanha-claro, muito granulosas e aumentando de compacticidade à medida que se aproxima da base. Estas terras tornam-se mais escuras quando ultrapassam a estrutura do fecho da mamoa.

A camada três, que se situa no topo do solo antigo, estende-se sob o contraforte e é visível apenas na parte central do monumento. Foi deste nível e por baixo do contraforte que foram retirados carvões para análise.

É de notar a existência de um “solo” antigo enterrado, bastante espesso em toda a área do monumento com excepção da área da câmara, com cerca de 30 cm. de altura máxima.

4. O espólio

Como já vem sendo usual em monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, principalmente em monumentos de pequenas dimensões, o espólio exumado é parco e pouco significativo.

Quanto a material lítico, apenas foi detectado um pequeno fragmento de lâmina (Fig. 9) em sílex branco⁹, nas terras superficiais junto ao esteio E3 (altura máxima: 170 mm.; espessura máxima: 20 mm.; largura: 90 mm.). Na quadrícula C4 e na base do contraforte, foi detectado um fragmento de uma movente de um moíno, em granito de grão fino mas contendo alguns elementos de quartzo de grande calibre (90 mm.). Este fragmento tem uma forma sub-triangular sendo um dos lados facetado e de forma sub-circular (altura máxima: 5,35 cm.; largura máxima: 7,1 cm.; espessura: 4,1 cm.;).

⁹Localização: X - 47 cm.; Y - 34 cm.; Z - 294 cm.

Os fragmentos cerâmicos encontrados são todos de fabrico manual, não decorados, provenientes na sua maioria das terras do tumulus, e distribuem-se maioritariamente pelas quadrículas C4 e C5:

- nº 1 – Pequeno bordo de pasta acinzentada, proveniente da quadrícula C3 de terras da violação;
- nº 2 – Pequeno fragmento de pasta acinzentada, proveniente da quadrícula C4 de terras do *tumulus*;
- nº 3 – Fragmento médio de pasta alaranjada, proveniente das quadrículas C4/C5 de terras do *tumulus*, próximo da zona de violação;
- nº 4 – Pequeno fragmento de pasta fina e de côr cinzento escuro, com polimento na face externa, proveniente da C5, de terras de peneiração.
- nº 5 – Pequeno fragmento de pasta mais grosseira que a anterior, de côr cinzento escuro e proveniente da C5, de terras de peneiração.

5. Trabalhos de conservação

Os trabalhos arqueológicos deste monumento foram concluídos com a sua conservação, restituindo ao monumento o aspecto que apresentava antes da intervenção arqueológica e melhorando outros aspectos. Foram assim preenchidas as valas de sondagem com terras provenientes da escavação e foi restabelecida a estrutura pétreo de revestimento e de fecho (Est. III). Nas áreas em que o contraforte foi desmontado foi construído um muro de pedra vã, com a mesma largura que tinha na sua base, para conter as terras do *tumulus* e para apoiar os esteios.

O esteio E2 foi colocado na sua base de assentamento. O E4 foi reerguido¹⁰. E ao E3, foi corrigida a inclinação para o exterior. Ainda se colocou o E1 no interior da câmara apesar de não termos detectado a sua fossa de assentamento¹¹.

Consideramos estes trabalhos de consolidação da câmara por concluir, devido ao facto de alguns esteios, especialmente o E4, apresentarem fracturas, sendo necessário proceder à sua consolidação. Mas, para que se efectue um bom trabalho de consolidação de lajes de granito, é necessário, em primeiro lugar, proceder a análises petrográficas para se possa optar pelo melhor processo, tendo então em conta o seu estado de degradação, causas e mecanismos¹².

¹⁰ Apesar de se encontrar tombado para o interior da câmara pensamos que a sua posição original não estaria longe do sítio onde se encontrava a sua base.

¹¹ Somos da opinião que só se devem fazer reconstruções quando se sabe a origem exacta dos elementos a reconstituir. No entanto, optamos por colocar este esteio no interior da câmara para aproveitarmos uma laje que sabemos que já fez parte do monumento. O facto de assumirmos esta posição e de a tornarmos pública torna-a menos criticável.

¹² Pelo que atrás foi dito apenas nos limitámos a encher até meia altura o interior da câmara megalítica com gravilha para assim evitar o furto dos esteios de granito. Se conseguirmos obter um

6. Considerações Finais

Estamos em presença de um pequeno monumento megalítico de planta sub-circular, tendo 10 m no sentido N-S e cerca de 12 m no sentido O-E. Pelas suas reduzidas dimensões é pouco perceptível no terreno principalmente nos seus lados oeste e sul. Este monumento implanta-se numa pequena chã sobranceira ao rio Fornelo, sendo um monumento isolado e que se situa mais a norte de todo o conjunto megalítico da Serra da Aboboreira.

A escavação revelou estarmos em presença de um pequeno dólmen, cujos esteios não ultrapassam 1.40 m de altura máxima, possivelmente aberto a avaliar pela planta do contraforte e pela diferença de pedras utilizadas na sua área este. Apenas se detectaram quatro esteios, estando um deles pousado na couraça de revestimento na sanja oeste. Nenhum deles se encontrava *in situ* e apenas foi detectada uma fossa de assentamento.

Pela análise da estratigrafia (ver perfil N-S, quadrícula C4), pela altura da mamoa e dos esteios, pensamos que os restantes esteios, se encontravam pousados no solo de base. Aliás este fenómeno já foi detectado em outros monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, também estes de reduzidas dimensões.

O anel de contrafortagem era também de reduzidas dimensões.

Apesar das suas dimensões, os constructores deste monumento foram bastante precisos nas técnicas usadas, a avaliar pela diferença de granito usado de acordo com o tipo de estruturas, pelas dimensões da estrutura de fecho, tendo sido, neste caso, detectados os calços de cada uma das pedras, evidentemente nas suas áreas mais conservadas.

É ainda de notar, como já vem sendo habitual nestes monumentos, a exiguidade do espólio e o facto do seu estado de conservação não ser dos melhores, nomeadamente na sua área central, devido aos inúmeros remeximentos de que foi alvo.

II. MAMOA DE CABRAS (AMARANTE)

1. Introdução

A mamoa de Cabras localiza-se na freguesia de S. Simão de Gouveia, concelho de Amarante, e é um dos monumentos integrantes da necrópole megalítica

subsídio que nos permita a realização dessas análises, pediremos então uma autorização de trabalhos de conservação ao IPPAR para podermos concluir esta última fase dos trabalhos arqueológicos nesta estação.

da Serra da Aboboreira (Fig. 1). A povoação mais próxima é a aldeia da Aboboreira, através da qual se faz o acesso ao monumento, que fica distanciada cerca de 1450 metros. As suas coordenadas geodésicas são, segundo a carta militar 1//25000, folha 113 (Fig. 2):

Longitude: 01° 04' 58" Este (Lisboa)

Latitude: 41° 12' 09" Norte

Altitude: 780 metros

O monumento implanta-se numa zona de grandes afloramentos de granito, numa chã povoada de pequenos ribeiros que vão afluír ao rio Ovelha, que delimita a noroeste o *plateau* da Aboboreira. As curvas de nível indicam uma inclinação desta vertente da serra para noroeste e oeste. A maior parte da chã é ocupada por vegetação rasteira, que é aproveitada pelas populações locais para a pastorícia.

A mamoa encontra-se situada numa posição isolada da chã, entre o marco geodésico de Meninas (a 2650 metros) e o de Cabras (a 500 metros). A pouca distância fica situado o núcleo megalítico de Cabritos. A primeira referência a este monumento é de José de Pinho, que a integrava no núcleo megalítico de Cabritos, caracterizando-a como a mais destruída do grupo. Posteriormente, foi novamente detectada por Domingos Cruz.

O monumento megalítico de Cabras apresentava-se antes da escavação como um *tumulus* de planta subcircular, de pequenas dimensões (13m. N/S e 12m. L/O), muito baixa e quase imperceptível no terreno. À superfície era apenas visível a extremidade de um possível esteio. Como já é "habitual" estivamos, mais uma vez, em presença de um monumento que já tinha sofrido várias violações, visíveis pela depressão de aproximadamente 4m. de diâmetro, junto ao único esteio visível na parte central da mamoa. De notar que esta forma e dimensões eram as aparentes e não as reais, já que estas só se podem definir após os trabalhos de escavação¹³.

2. Metodologia utilizada

Após a desmatação, procedeu-se à quadriculagem e levantamento topográfico da mamoa formando quadriculas de 2 metros quadrados. Para tal foi usado um nível topográfico Wild, cotando todos os pontos (equidistantes de um metro)

¹³ Agradecemos o apoio e a colaboração prestada no decorrer dos trabalhos à Dr^a Margarida Moreira, ao Dr. António Lima, à Dr^a Paula Barreira, e aos estudantes da F.L.U.P. Paulo Jorge Sequeira e Ricardo Fidalgo. Os trabalhos, integrados no Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, decorreram com o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Baião, Escola C+S de Baião e Instituto da Juventude.

de um rectângulo de 16 por 18 metros em função de um ponto 0 convencional correspondente a um bloco de granito situado a pouca distância do monumento e a uma cota mais elevada do que a cota mais alta da referida mamoa (Fig. 10).

Uma vez realizado o desenho dos elementos pétreos que afloravam à superfície do monumento, definiu-se a área da escavação, optando-se por uma orientação em cruz, de acordo com os pontos cardeais e de forma a interceptar o que à partida parecia ser um esteio, e em que parte era já visível antes de iniciar os trabalhos de escavação. Foram ainda definidos, junto à quadrícula central — D5, E6 e F5 — três testemunhos de 40 cm., com o objectivo de realizar uma leitura estratigráfica com dois cortes principais (em sentido Norte-Sul e Leste-Oeste, abarcando-se assim a totalidade do monumento em questão.

Uma vez concluída a decapagem superficial, a couraça veio a revelar-se pouco imbrincada apresentando diversas fossas de violação. As zonas mais destruídas eram principalmente nas sanjas Sul e Este (Fig. 11).

O avanço dos trabalhos evidenciou que o esteio inicialmente visível não se encontrava *in situ* mas tombado. A couraça apresentava-se em diversos pontos esboroadada para o exterior, principalmente nas sanjas Sul e Leste, mostrando as sanjas opostas estarmos em presença de um *tumulus* de planta circular, de dimensões reduzidas (com cerca de 10 metros de diâmetro) e de reduzida altura (a rocha base aparecia na quadrícula E3 logo à superfície). A diferença de cotas entre a rocha de base e o topo do esteio tombado era apenas de 49 centímetros.

Para além duma segunda fiada de couraça existente em todas as sanjas, nas quadrículas G5 e E4 havia um espessamento da couraça no limite do *tumulus*, espessamento este que corresponderá a uma estrutura periférica de contenção.

Apesar da parte central da mamoa se encontrar muito destruída e tendo sofrido revolvimentos, foi possível detectar na quadrícula E6 os vestígios do “contraforte” e contendo nessa estrutura uma laje de maiores dimensões. Já na quadrícula D5, junto ao esteio tombado, só foi possível encontrar algumas pedras de média dimensão que provavelmente teriam pertencido a um “contraforte” encontrando-se soltas e deslocadas, embora assentando directamente no solo antigo.

Com o objectivo de definir a existência de uma câmara no interior, e pôr à vista na sua totalidade o monólito de granito tombado e, também, estabelecer a conexão entre a pequena estrutura de pedras delimitada na quadrícula E6 e os vestígios observados na quadrícula D5, procedeu-se à escavação da quadrícula D6. Esta revelou a existência dum resto de uma estrutura de pedras, muito destruída. Após ter sido desenhado e cotado, procedeu-se ao seu levantamento. Por baixo desta, à cota de 60 cm do topo do solo, encontrou-se uma lareira (Fig. 12, Est. 4) que estratigraficamente assentava sobre o topo da camada 4. A lareira era definida por uma mancha de terra escura e carvões, de forma circular com aproximadamente 80 cm de diâmetro, apresentando pedras de pequena e média

dimensão no seu interior. De notar que estas encontravam-se alteradas pelo fogo na sua parte inferior, o que pode indicar que teriam servido para apagar a fogueira. A escavação desta lareira revelou a existência de grandes quantidades de carvão de grande dimensão¹⁴.

Na sanja Sul procedeu-se ao levantamento e escavação do “contraforte” existente na quadrícula E6. Na sua base puderam ser detectadas uma série de estruturas abertas no saibro (Fig. 14, Est. 5), normalmente identificadas como buracos de poste e ainda uma fossa sub-circular preenchida com algumas pedras, o seu enchimento era constituído por camadas alternadas de terra castanho-clara e saibro, e onde foram recolhidos alguns pequenos carvões. O aparecimento deste tipo de estruturas deste tipo sob as mamoas não é inédito na serra da Aboboreira. Apareceu, por exemplo, na mamoa 1 de Cabritos uma fossa aberta no sub-solo com características bastante similares às que encontramos aqui.

3. Estratigrafia

A leitura estratigráfica mostrou que estávamos em presença de um monumento de reduzidas dimensões, em que a altura máxima do *tumulus* não ultrapassava os 80 cm, tendo sido identificadas as seguintes camadas (Fig. 13):

1. Camada superficial de terra humosa, de cor castanha escura e com muitas raízes, que engloba a couraça pétreia.
2. Terras do *tumulus* de cor castanha acinzentada compacta e saibrenta contendo ainda algumas pedras da couraça. Fazendo ainda parte da terra do *tumulus* verificou-se a existência de uma camada (2a) de terras acinzentadas, menos compacta que a anterior e saibrenta, nas quadrículas E4 e E5 do perfil S-N. Na quadrícula E6 do perfil S-N notou-se uma mancha de terra castanha-escura (2b) com algumas raízes e saibro. A origem desta bolsa, que se situa no topo do nível do saibro, encontra-se na violação que o monumento sofreu. Aliás, a camada superficial encontra nesta quadrícula o seu máximo de potência estratigráfica devido à não existência de couraça pétreia, resultante da referida violação. Também na mesma quadrícula, sob pedras da couraça, notou-se uma pequena mancha (2c) de terra muito fina e de cor cinzenta escura.
3. Terra de cor castanha com raízes.
4. Terras da base do monumento, de cor castanha-amarelada, muito compacta e com saibro de grão grosseiro. Trata-se de uma camada bastante espessa, com cerca de 40 cm de espessura máxima, adelgaçando-se na periferia.

¹⁴ Os carvões recolhidos foram enviados ao LNETI para datação pelo Carbono 14 em 1993, aguardando-se os resultados da análise.

4. Espólio

O espólio recolhido foi o seguinte:

Camada 1

- D5: dois fragmentos de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada e de reduzida dimensão.
- E5: Micrólito geométrico (Est. 6): segmento largo em sílex rosa com as seguintes dimensões: altura máxima- 2,4 cm; largura máxima- 1,2 cm; espessura máxima- 0,35 cm (Localização: X-130 cm; Y-25 cm; Z-170 cm).
- E6: Fragmento de elemento fixo de moíno manual em granito, de contorno sub-triangular e que fazia parte da couraça pétreo.
Fragmento de elemento móvel (?) de moíno manual, achatado, em granito, encontrado sob a couraça pétreo. Não apresenta vestígios nítidos de polimento.
- G5: Seixo rolado em quartzito, talhado e fragmentado num dos lados, de contorno sub-circular e alongado. Sinais de percussão na extremidade. Dimensões: comprimento- 8,1 cm; largura- 7,2 e espessura- 4,8 cm.

Camada 2

- E4: pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta acinzentada e de reduzida dimensão.
pequena lasca em quartzo.
- E7: um pequeno núcleo apresentando alguns vestígios de levantamentos
pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- D5: dois pequenos fragmentos de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- F5: pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- G5: três fragmentos de um vaso de cerâmica manual lisa e de pasta cinzenta, com polimento na face externa.
Banqueta: – pequeno bordo de cerâmica com uma linha incisa, de pasta cinzenta e grosseira.
– pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta cinzenta e face externa cor de laranja. Encontrado na peneiração.
- E6: dois fragmentos duma movente de moíno manual.

Camada 4

- D5: dois pequenos fragmentos de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- E5: pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- E4: Um fragmento de cerâmica com decoração puncionada, de fabricação

- manual e de pasta alaranjada (Fig. 15) nove pequenos fragmentos de cerâmica de fabrico manual e de pasta acinzentada (dos quais dois são bordos) pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- E5: um pequeno bordo de cerâmica de fabrico manual e de pasta acinzentada pequeno fragmento de cerâmica manual lisa, de pasta alaranjada.
- E8: um pequeno seixo rolado talhado e com marcas de percussão.
- G5: fragmento médio, de cerâmica manual lisa e de pasta alaranjada.

5. Considerações finais

Encontramo-nos perante um monumento de forma circular, de pequenas dimensões e muito baixo, o que o torna praticamente imperceptível no terreno e extremamente destruído, particularmente na sua área central, que se encontrava inteiramente revolvida. Não se verificou nenhum vestígio da existência de uma câmara megalítica. Observou-se a existência de uma pequena estrutura de pedras muito fechada e destruída, rodeando a fossa aberta no saibro na quadrícula E6. Quanto ao monólito existente, este encontrava-se deslocado do seu local original, o qual é impossível de localizar com rigor. Encontrava-se tombado sobre uma camada de violação e revolvimento. É interessante notar que não se trata aqui de um esteio de forma "clássica". Trata-se de um monólito de granito, de grão grosso, de forma aproximadamente losangular e que termina numa base de forma cilíndrica.

A lareira descoberta na quadrícula D6 poderá fornecer indicações preciosas acerca da cronologia absoluta deste monumento, uma vez que se encontra directamente sobre o topo da camada 4, definindo assim um *terminus post quem* para a construção do monumento.

O espólio recolhido consistiu basicamente em pequenos fragmentos de cerâmica manual de pasta alaranjada, sendo de destacar a escassez de material lítico, à excepção de um micrólito geométrico em sílex rosa.

A relação da fossa e das estruturas de tipo "buraco de poste" abertas no saibro com o monumento é ainda difícil de estabelecer. Podemos admitir como hipótese de trabalho que se tratam de estruturas pré-existentes aquando da construção do monumento e de datação bastante mais antiga. Seria, no entanto, necessário o alargamento da área aberta para se poder definir a sua configuração total, uma vez que alguns aparecem cortados nos perfis para definir a totalidade da sua extensão.

III. BIBLIOGRAFIA

- CLETO, J. (1993), *A Necrópole Megalítica da Serra do Castelo (Baião). Contributos para o seu estudo e contextualização na Pré-História Recente do Norte de Portugal* (tese de mestrado, policopiada), Porto, Faculdade de Letras, 213 p.
- CRUZ, Domingos Jesus da (1980), Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (concelhos de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, p. 38.
- IDEM, (1992), *A Mamoia 1 de Chã de Carvalhal*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.
- JORGE, V. O., (1978), Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos, *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal, pp. 241-254.
- JORGE, V. O. (1980), Escavação da mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, concelho de Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 41-59.
- JORGE, V. O. (1981), Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira - Baião, *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal, pp. 29-35.
- JORGE, V. O. (1982), *O Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto - Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Faculdade de Letras (tese de doutoramento, polic.), 2 vols.
- JORGE, V. O. (1983), Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto - Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, nº 7, Porto, pp. 29-39.
- IDEM, (1983), Escavação da mamoa 2 de Cabritos (Serra da Aboboreira-Amarante), *Arqueologia*, 8, Porto, G.E.A.P., pp. 24-36.
- IDEM e VILAÇA, Raquel, (1985) As mamoas de Cabritos (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, 11, Porto, pp. 51-66.
- PINHO, José de, *Manuscritos* (inéditos).

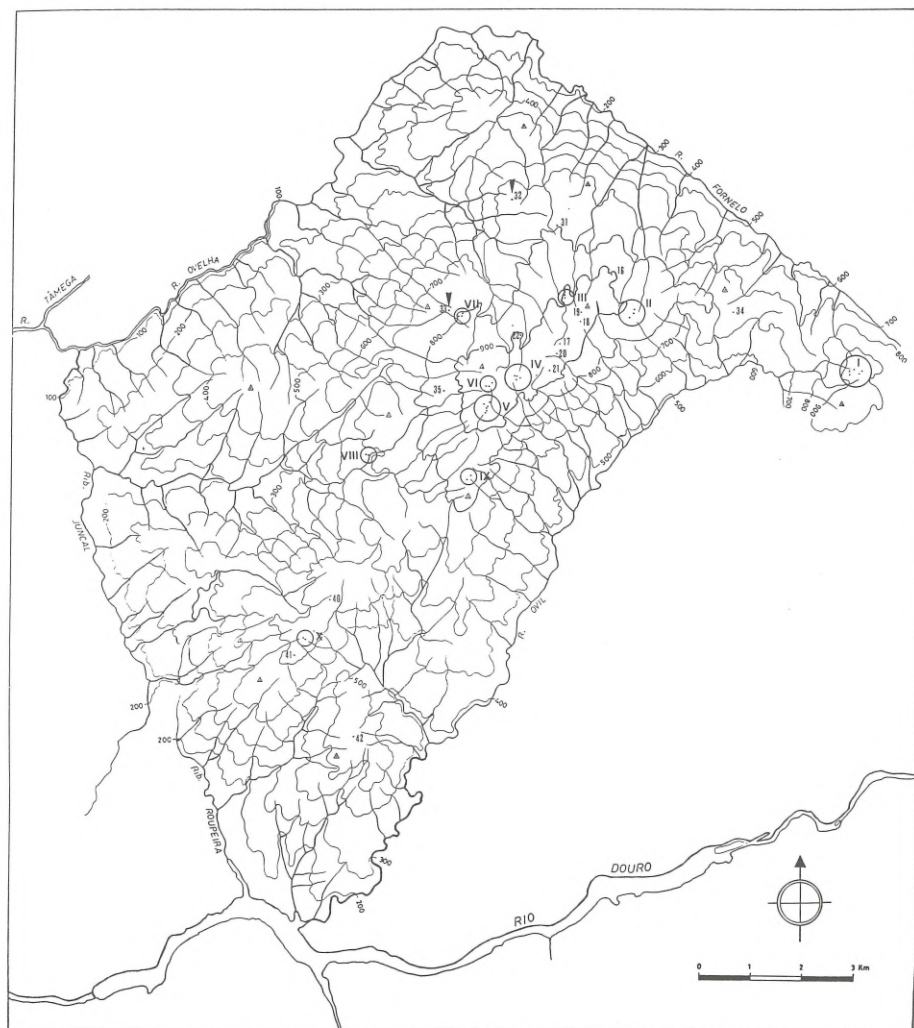


Fig. 1 — Distribuição dos monumentos com tumulus da Serra de Aboboreira. Perredendo ou Chã de Lameira (32) e Cabras (33) [Seg. CRUZ, D. (1992)].

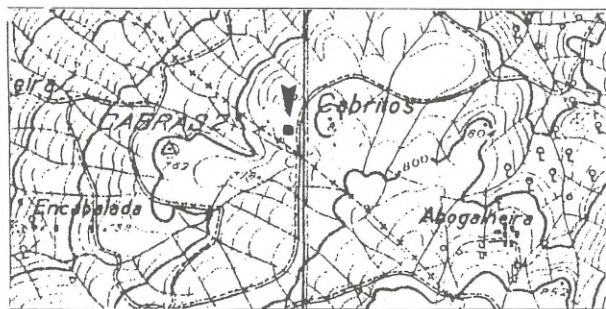


Fig. 2 — Localização das mamoads de Perredendo ou Chã da Lameira (em cima) e de Cabras (em baixo) na carta 1/25.000.

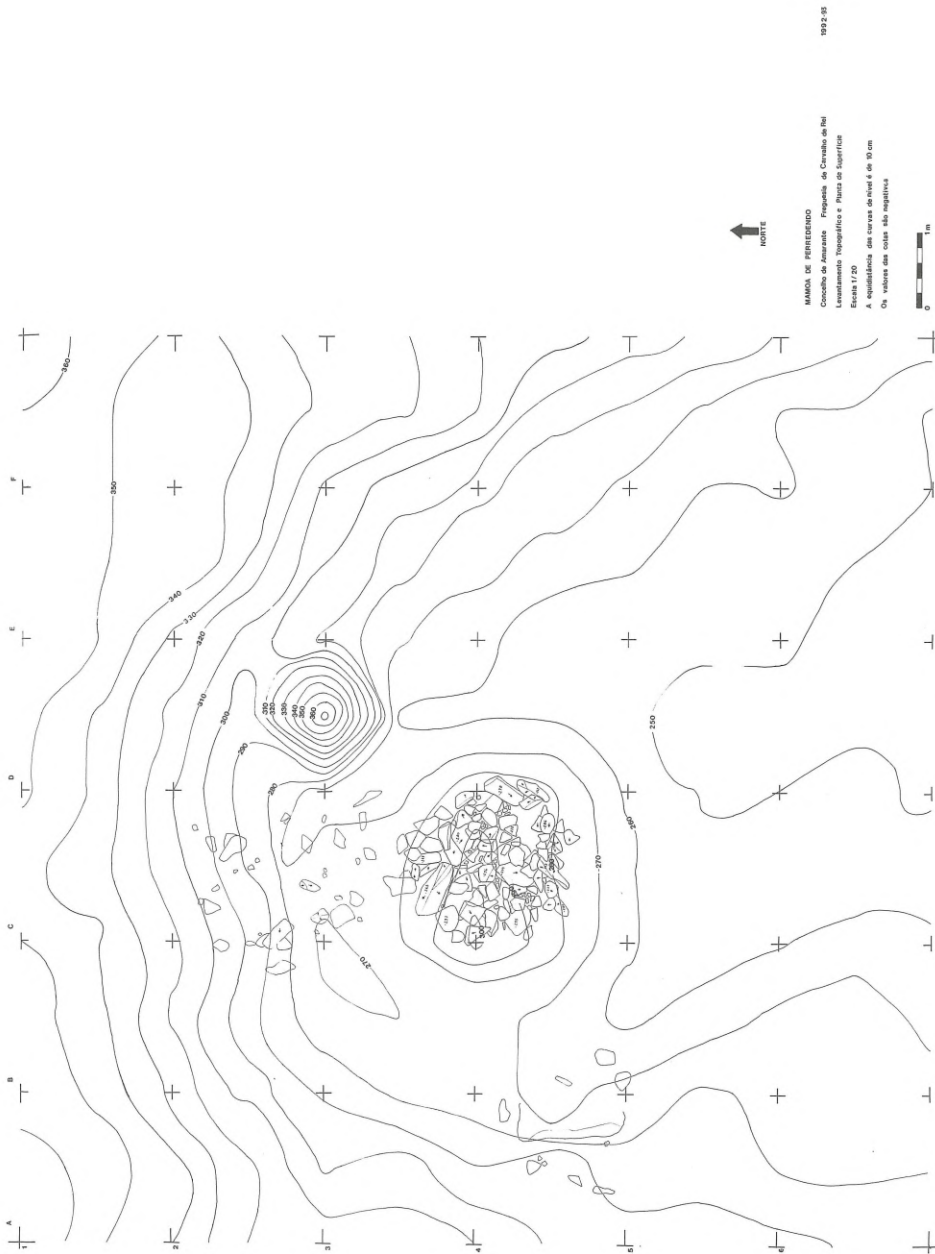


Fig. 3

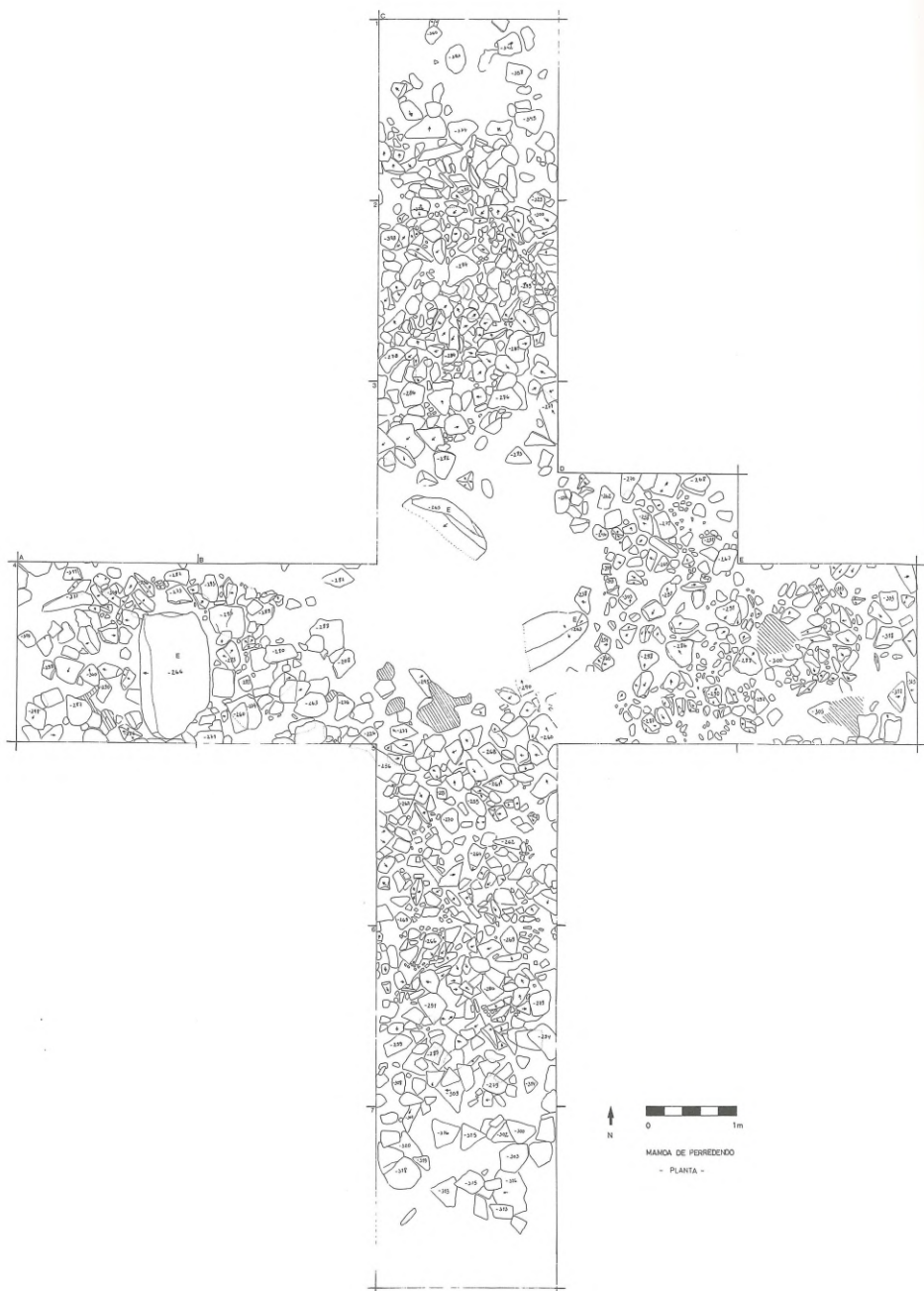
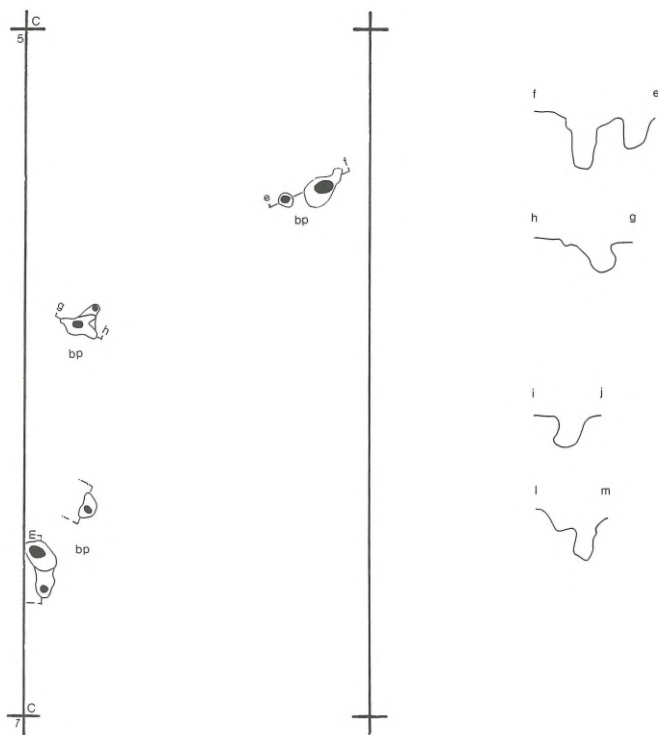


Fig. 4



MAMOÁ DE PERREDENDO

Planta e Perfis de estruturas escavadas

no substrato rochoso:

Fe- fossa de esteio

Fv- fossa de violação

bp- buraco de poste

0 40cm



Fig. 5

Est. VI

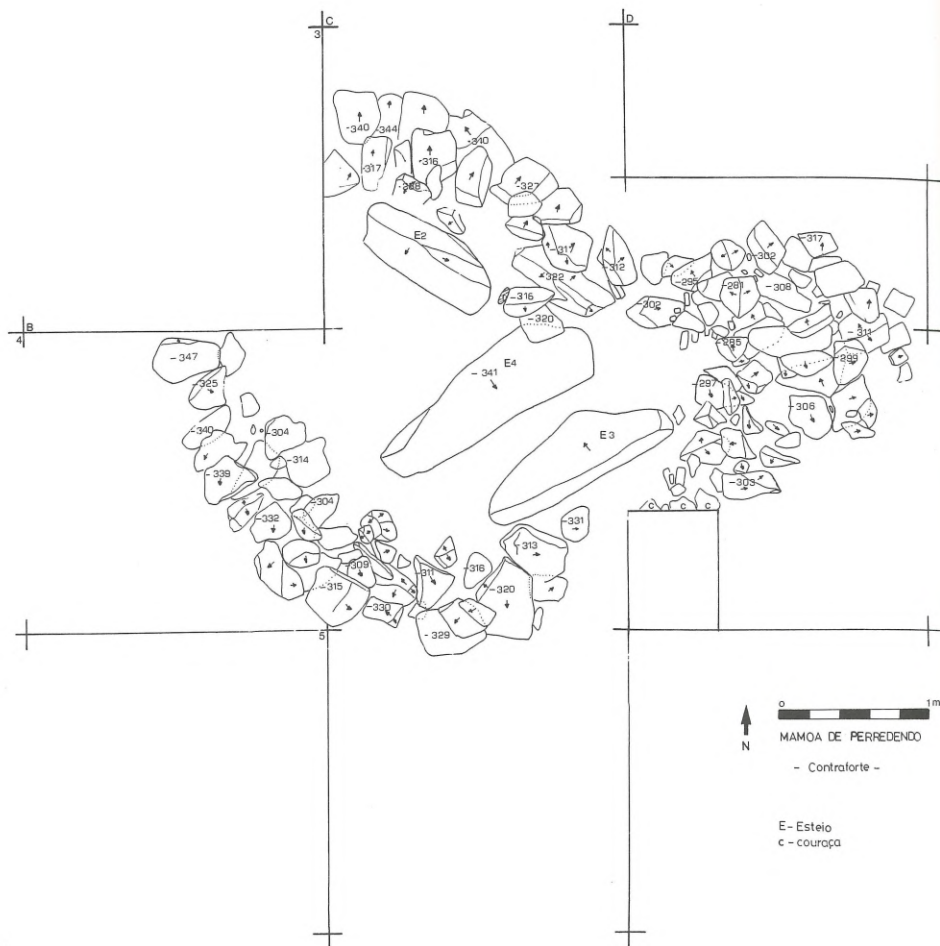


Fig. 6

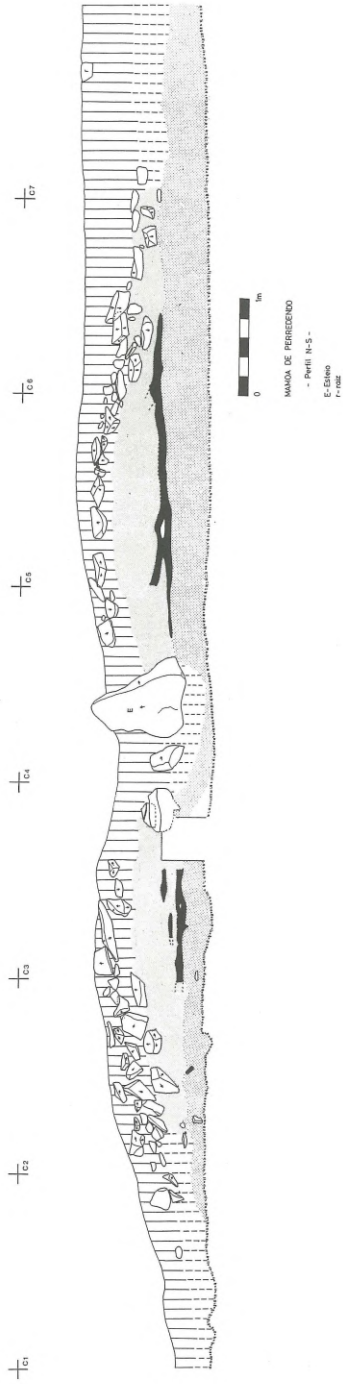


Fig. 7

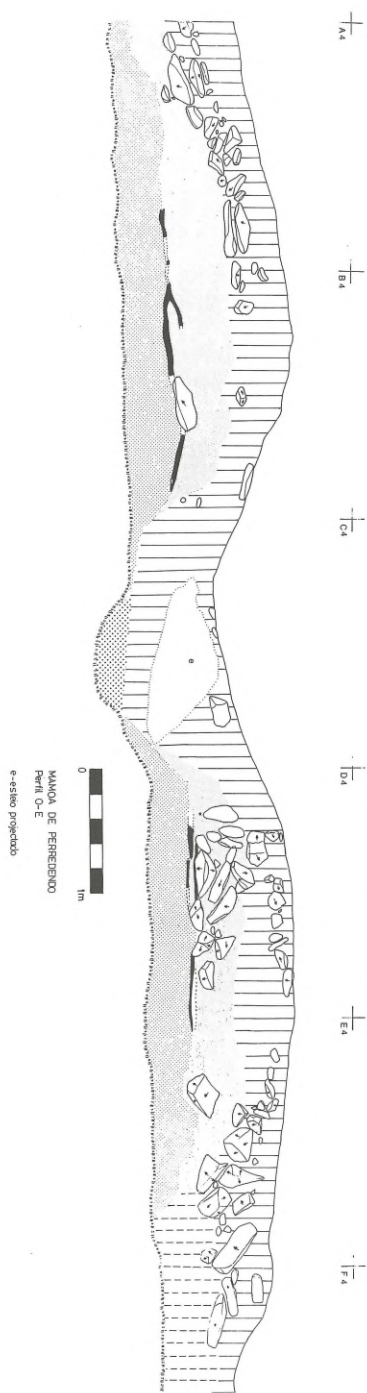
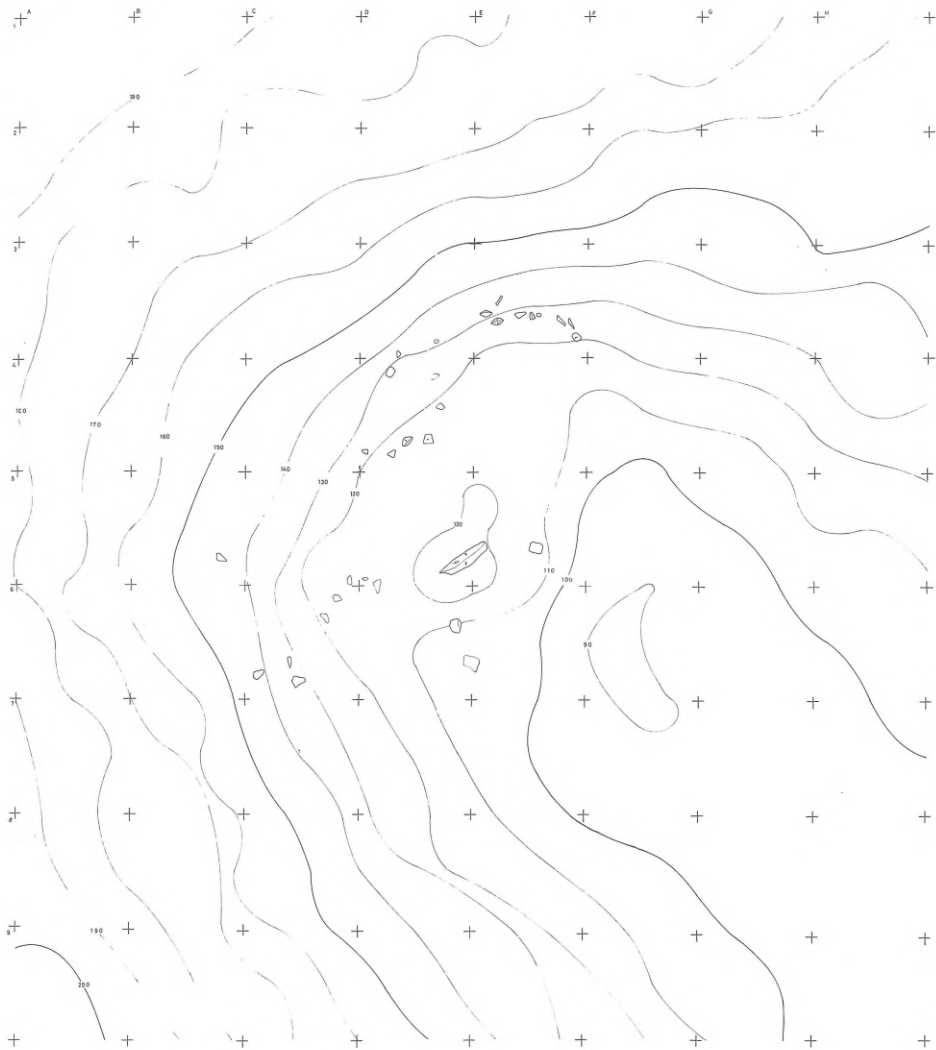


Fig. 8



Fig. 9 — Artefacto lítico. Perredendo.



HILHO DE CASRIS
CONCELHO AMARANTE - FREGUESIA S. SINDO DE OULVEIA
ESCALA 1/750 PLANTA DE SUPERFÍCIE 1931
Equidistância das curvas de nível 10 m.

Fig. 10

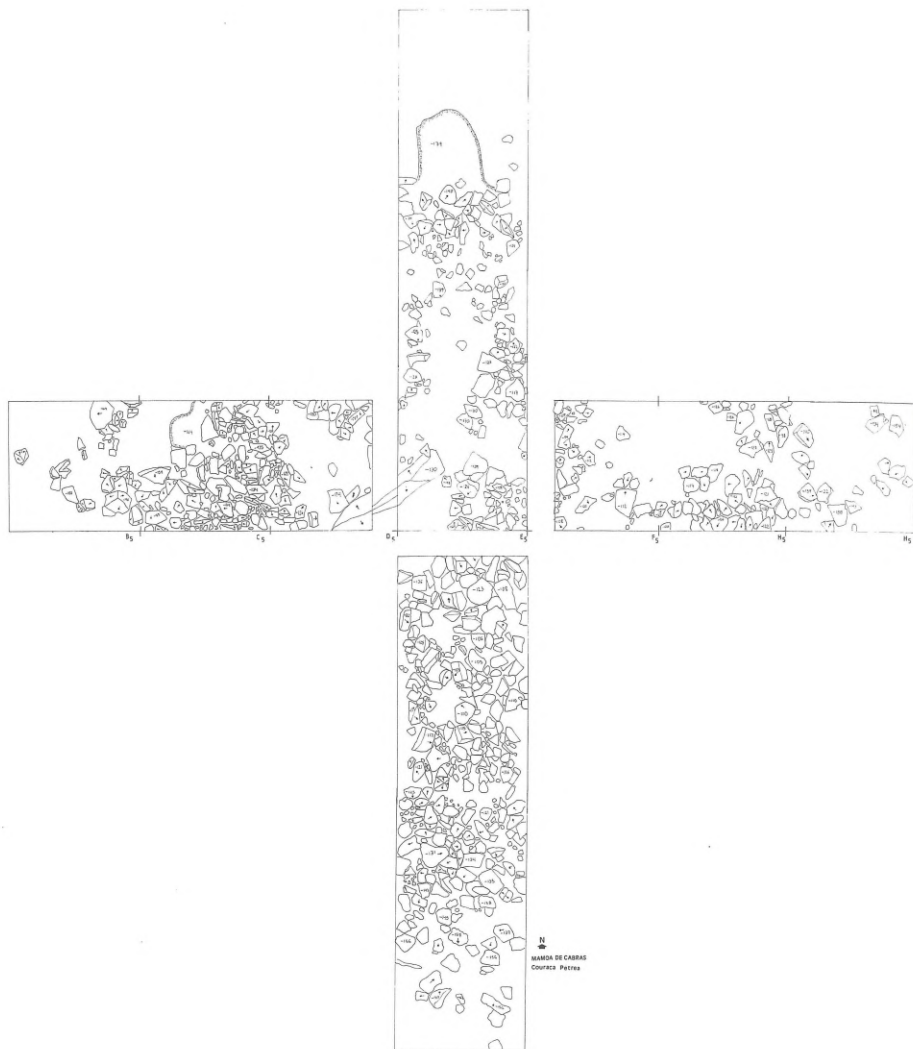
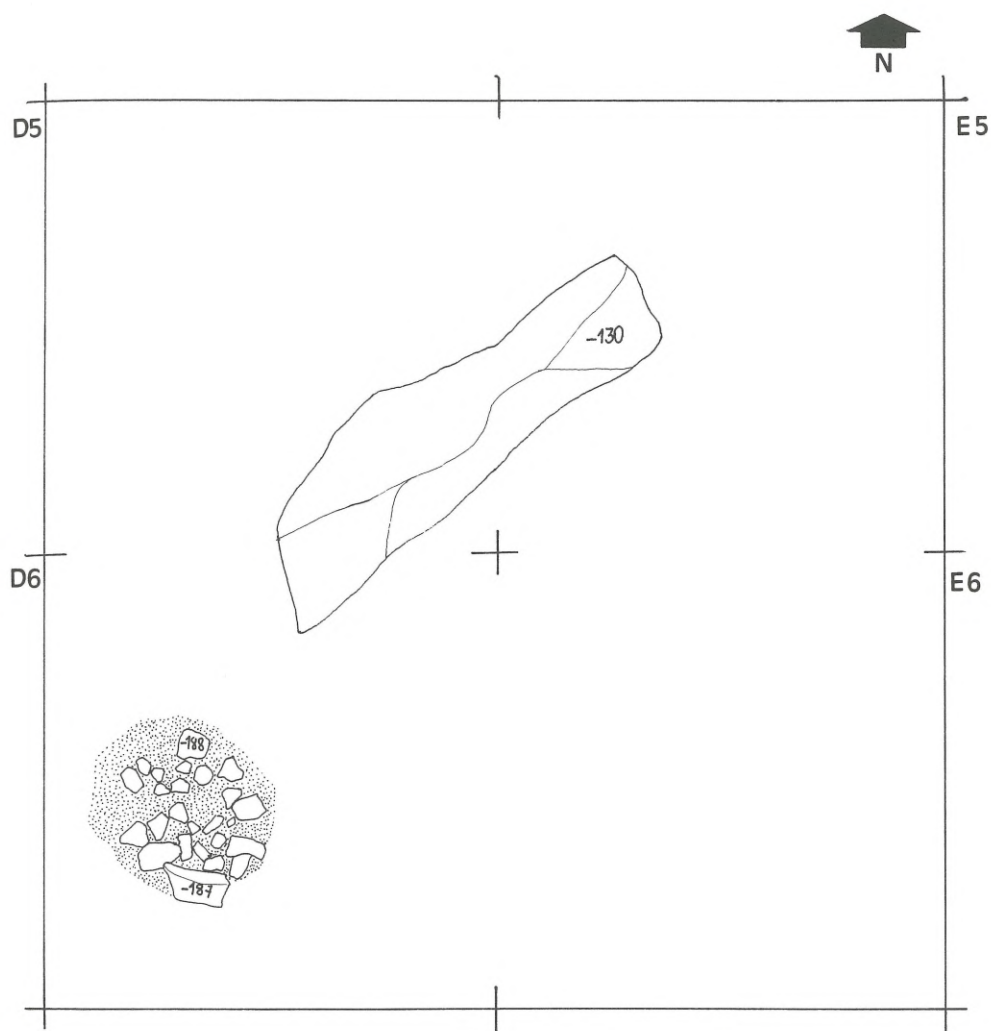


Fig. 11 — Mamoa de Cabras. Planta da couraça pétrea.



Mamoa de Cabras
Esteio e Lareira



Fig. 12

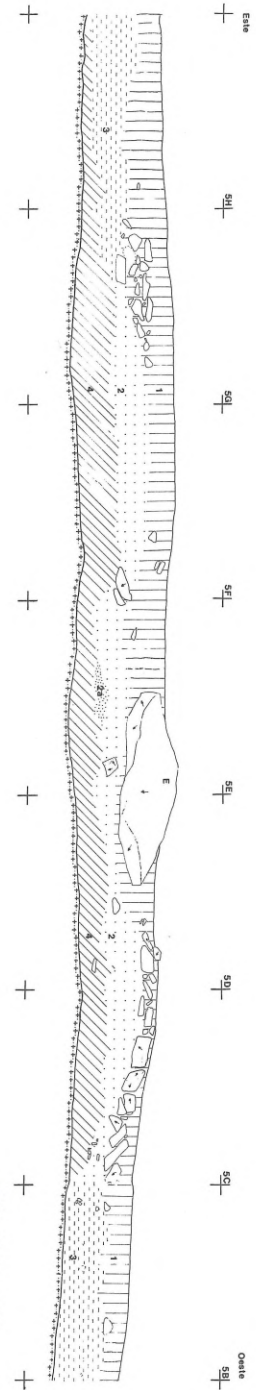
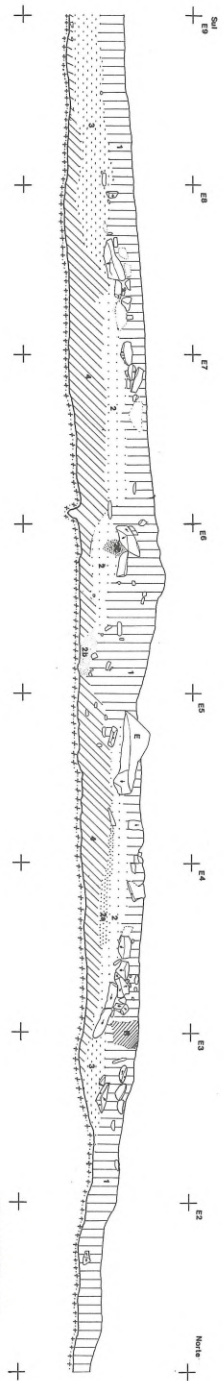


Fig. 13

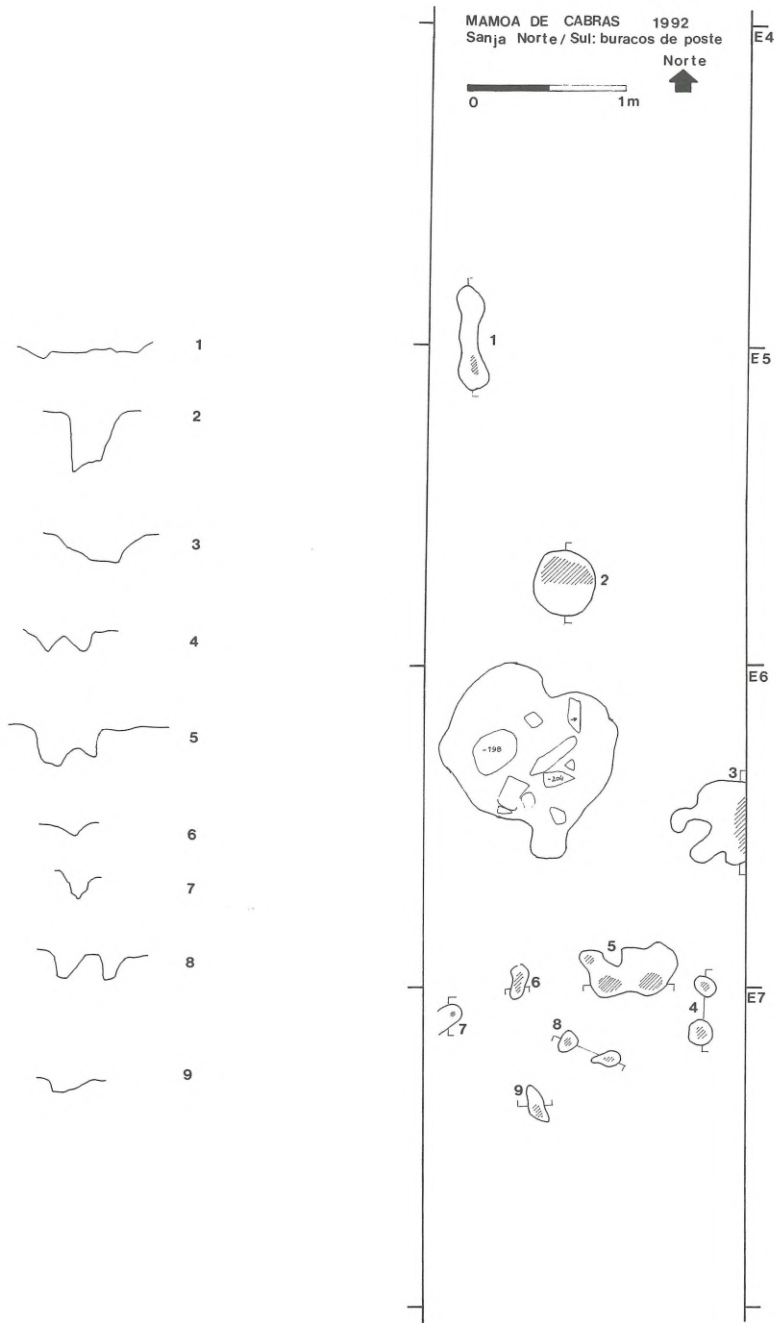


Fig. 14

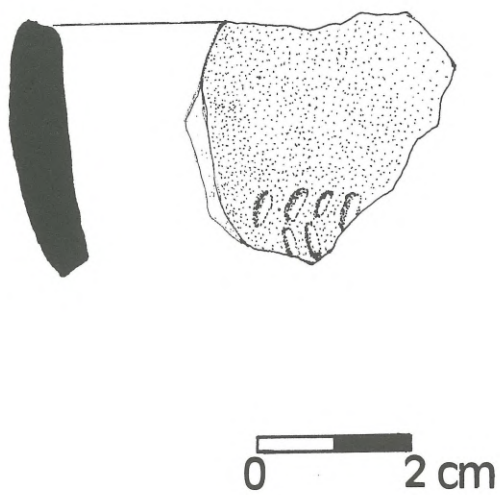


Fig. 15 — Fragmento cerâmico. Cabras.



Foto 1 — Perredendo.



Foto 2 — Perredendo.

Est. XVI



Foto 3 — Perredendo.



Foto 4 — Cabras.



Foto 5 — Cabras.

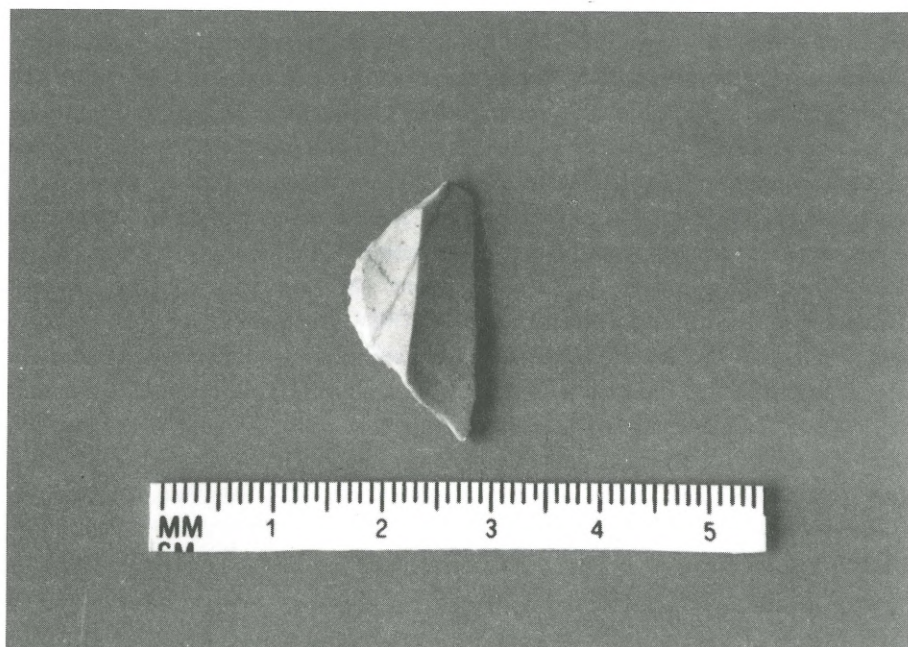


Foto 6 — Cabras.